

Povos Indigenas no Brasil

Az Barão de Antonina

Fonte Folha de Londrina Class.: Kaingang PR 291
 Data 26/08/93 Pg.: _____

Indústria plantará na terra dos índios

Na reserva de São Jerônimo da Serra, os índios estão entusiasmados com o plantio de pinus e eucaliptos

Luiz Taques

São Jerônimo da Serra - Manoel Daka já está fazendo planos para o futuro. Dentro de seis anos, o cacique dos kaingang e guarani da reserva São Jerônimo da Serra, no Norte do Paraná, quer trocar o cavalo por um Gol zero quilômetro. O motivo para tanta alegria é que no mês de outubro a indústria Klabin (com sede em Telêmaco Borba) começa a plantar pinus e eucaliptos na terra dos índios - como experiência, serão cultivados 12 hectares. Pai de dois filhos, o cacique acredita que "a difícil vida na aldeia" logo não passará de lembranças do passado. "Disseram que com a produção de um alqueire dá para comprar um carro novo" - diz Manoel Daka. "Eu decidi que vou comprar um".

A reserva São Jerônimo da Serra tem 680 alqueires, mas apenas 30 estão mecanizados e 200 alqueires não passam de areião. Outros 200 são de mata virgem onde, de vez em quando, os índios ainda conseguem caçar veado, capivara, paca, cateto. Na última safra, os kaingang e guarani produziram 300 sacas de milho, 130 de arroz e 257 de feijão. "Assim mesmo ficamos devendo 145 sacas de milho para uma empresa de sementes de Andirá" - conta o chefe do posto, Alceu Clementino de Souza.

Programa - A plantação de pinus e eucaliptos nas reservas indígenas do Norte do Estado é um programa que envolve também a Emater (empresa paranaense de assistência técnica e extensão rural), a Funai (Fundação Nacional do Índio), Prefeituras Municipais e IAP (Instituto Ambiental do Paraná). Além de São Jerônimo da Serra, estão incluídas no programa as aldeias de Barão de Antonina, Apucarantina e Ortigucira.

A indústria Klabin vai repassar, no período de outubro a dezembro deste ano, 130 mil mudas de eucalipto e pinus para essas re-

Foto: Milton Daki



O cacique Manoel Daka pretende trocar o cavalo por um Gol zero quilômetro assim que receber pela primeira produção de madeira para a Klabin

servas. A empresa fica encarregada de dar assistência técnica para a implantação dos projetos, juntamente com os técnicos da Funai e Emater. Também é de responsabilidade da Klabin o repasse de

insumos e o treinamento dos índios para orientá-los sobre o combate às formigas.

Funai - Todo índio tem noção de que a Funai é ineficiente, po-

rém indispensável para a sua sobrevivência. É por isso que eles, a exemplo de Manoel Daka, estão apostando tudo nesse programa. A tarefa da Funai é financiar todo o trabalho de sistematização

do terreno, preparação e conservação do solo, além de controlar e fiscalizar as áreas reflorestadas. As mudas e iscas para formigas estão sendo repassadas às reservas de graça. Vão ser utilizados os

sistemas de plantio escalonado, sendo acrescidos novos plantios todo ano até o fechamento do ciclo em seis anos, quando a primeira área atingir o ponto de corte. A produção pode ser vendida a qualquer pessoa, mas a preferência deve recair sobre a Klabin, a preços de mercado.

Na reserva Barão de Antonina, também localizada na cidade de São Jerônimo da Serra, cuja população é de 380 índios, serão cultivados 48 hectares. Em Apucarantina (distrito de Tamarana, em Londrina) vão ser plantados pinus e eucaliptos em 9 hectares - a aldeia tem 550 kaingang e guarani. "Essas reservas, além de se constituírem em áreas marginais de baixa fertilidade natural e relevo acentuado, sofrem diretamente a influência das propriedades rurais voltadas para as culturas de trigo, soja e pecuária bovina" - afirma o administrador regional da Funai em Londrina, Vladimir Antonio da Silva.

Bóias-frias Miséria, falta de recursos para tocar lavouras, alcoolismo, contato muito próximo com os brancos da cidade (a reserva dos kaingang e guarani, por exemplo, fica colada em São Jerônimo), são dramas vividos pelos índios do Norte do Paraná. A fisionomia deles reflete a proximidade com a área urbana. Já é raro encontrar crianças com traços totalmente indígenas. Como é comum encontrar negras casadas com índios, brancos vivendo com índios.

Muitos, para fugir da ociosidade e da pobreza, saem para trabalhar em usinas de álcool no Mato Grosso do Sul ou em fazendas da região. No último dia 11, 30 deles deixaram a aldeia para trabalhar como bóias-frias em uma dessas usinas. Lá, eles levam jornadas de até 12 horas por dia, não têm suas carteiras assinadas e o que ganham só dá para comprar comida para a mulher e a filharada que ficaram para trás.